

Senador foi crucial para entrada do Brasil na 1ª Guerra

Ruy Barbosa foi conselheiro do presidente e usou talento retórico para convencer colegas do Senado. Conflito faz 100 anos

Ricardo Westin

DOCUMENTOS GUARDADOS NO Arquivo do Senado lançam luzes sobre um episódio esquecido da história: a participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial, iniciada há 100 anos, em 1914. Os registros mostram que as opiniões de Ruy Barbosa (1849–1923), senador na época, foram cruciais para que o Brasil decidisse declarar guerra contra os impérios centrais e enviar homens e navios para a Europa.

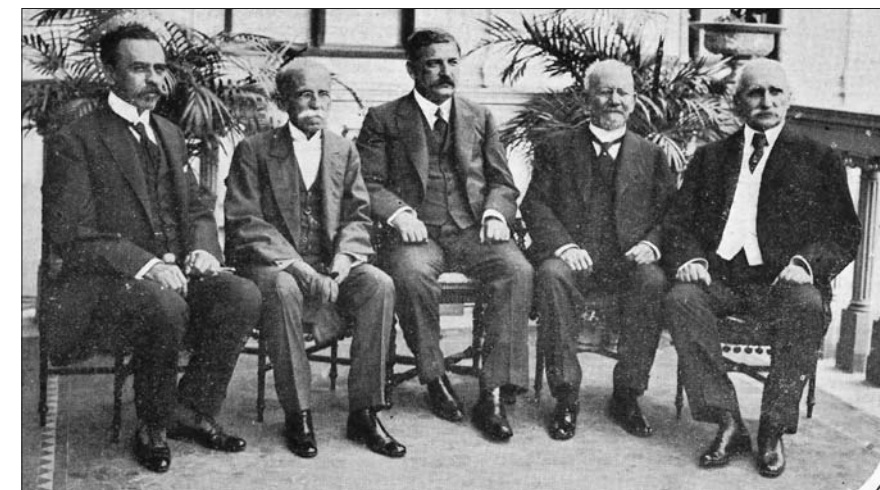
— Tenho sido acusado de estar pregando a guerra no continente americano em paz — discursa Ruy Barbosa (PRL-BA) em maio de 1917, no Palácio do Conde dos Arcos, a sede do Senado, no Rio. — Não, senhores senadores, não preguei até hoje a guerra. A guerra não é matéria de arbítrio, deliberação ou escolha, mas uma situação criada pela Alemanha, que, envolvendo todos os países neutros na mesma situação dos beligerantes na guerra naval, não deixa aos neutros

outro caminho senão o de aceitar a guerra que ela declara.

A Alemanha era um dos impérios centrais, ao lado do Império Austro-Húngaro e do Império Turco-Otomano. Esse grupo estava em guerra contra os chamados aliados — Reino Unido, França, Rússia e, mais tarde, Estados Unidos. Quando a guerra é deflagrada, o Brasil opta pela neutralidade. A situação muda depois que submarinos alemães torpedeiam navios comerciais brasileiros. Inconformado, Ruy Barbosa insiste que o país não pode tolerar a ofensiva do “enxame de submarinos”:

— A Alemanha arroga a si o direito estupendo, inominável e infernal de matar indistintamente, como carga nos navios que destroem, os seus capitães, os seus tripulantes e os seus passageiros. É ilógico, é absurdo sustentar a neutralidade brasileira. Quando uma nação chega ao extremo, à miséria de não ter meios de se defender, de ser obrigada a tolerar em silêncio absoluto e resignação ilimitada todos os atos contra o seu direito, a sua honra e a sua existência, essa nação perdeu o direito de existir.

A gota d’água é o torpedeamento do navio Macau, em outubro de 1917, na costa espanhola. Antes de a embarcação ir a pique, dois tripulantes foram capturados como prisioneiros



Ruy Barbosa (2º à esq.) e o presidente Wenceslau Braz (C) em 1917, em reunião sobre a guerra

de guerra. Dias depois, o governo finalmente declara guerra.

Ruy Barbosa tem papel decisivo. Por um lado, é um dos mais influentes conselheiros do presidente Wenceslau Braz. Antes de tomar a resolução, o mandatário se reúne com o senador. Por outro lado, Ruy Barbosa combina seus conhecimentos de direito internacional com seu poder retórico para convencer os colegas do Senado a aprovar no mesmo dia a declaração de guerra proposta pelo presidente.

— Não obstante a nossa relativa pequenez, a nossa notória ausência de recursos [...], [ao aprovar o estado de guerra] daremos o passo mais grave, mais extraordinário dos anais do Parlamento brasileiro. O mundo nos começará a olhar como nação capaz de virtudes e heroísmos.

Ruy Barbosa é uma das figuras brasileiras mais admiradas de todos os tempos. Além de senador, foi advogado, jurista, jornalista, diplomata, ministro, deputado, ensaísta e até presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL). Foi ministro da Fazenda logo no primeiro governo da República. A passagem pelo Senado foi longa, de 1890 a 1921. Candidatou-se quatro vezes à Presidência da República, sem sucesso. Representou o Brasil na Conferência de Paz de Haia, em 1907, onde ganhou

respeito internacional por brigar pelos países fracos contra os interesses das potências. Foi então que ganhou a alcunha de Águia de Haia.

No Brasil, os partidários dos aliados normalmente utilizavam argumentos ideológicos ou econômicos — o Reino Unido era um grande parceiro comercial e mantinha muitos investimentos no país. Diferentemente deles, Ruy Barbosa escolhe seu lado na guerra baseado em questões jurídicas. Explica Christiane Laidler, professora de história da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ):

— Para Ruy Barbosa, a Alemanha violava as regras do direito internacional. Ele apontava os crimes de guerra e o desrespeito à neutralidade dos países, como a invasão de Luxemburgo e da Bélgica. A Alemanha representava uma ameaça à segurança de todas as nações, sobretudo as pequenas, que dependiam do direito para se protegerem dos países que usavam a força.

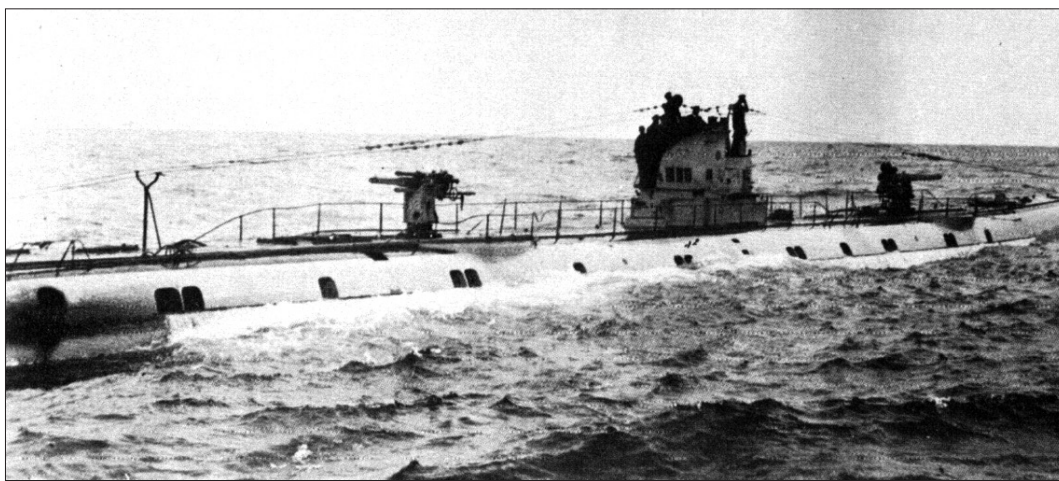
A 1ª Guerra terminaria um ano depois, em 1918, com um saldo de 16 milhões de mortos. O Brasil figuraria entre os vitoriosos.

Assista ao vídeo em que o jornalista Marcelo Monteiro e a professora Christiane Laidler explicam a participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial: <http://bit.ly/arquivo1guerra>

País enviou navios, soldados e médicos para o conflito

Em outubro de 1917, o submarino alemão U-93 interceptou o navio a vapor brasileiro Macau nas proximidades da costa espanhola. A embarcação levava café para a França, desafiando o bloqueio imposto pelo kaiser Guilherme II. Dois tripulantes do Macau, incluindo o comandante, foram arrastados para dentro do submarino. Logo em seguida, o U-93 disparou um torpedo e o barco foi a pique. O restante da tripulação se salvou graças a botes salva-vidas. Esse foi o estopim para que o Brasil entrasse na guerra.

— A notícia deixou os brasileiros indignados. Em várias cidades, grupos invadiram e saquearam lojas, escritórios e fábricas dirigidas por alemães. Isso pesou na decisão do presidente Wenceslau Braz de entrar na guerra — afirma o jornalista Marcelo Monteiro, autor do livro



O submarino alemão U-93, que em 1917 atacou o navio brasileiro Macau: episódio pôs o Brasil na 1ª Guerra

U-93: a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial.

A participação no conflito, porém, foi modesta. O Brasil enviou 13 aviadores para a força aérea britânica e 24 oficiais para o exército francês. Também destacou uma equipe de 150 profissionais de saúde, entre médicos, enfermeiros e assistentes, para pôr em funcionamento um hospital brasileiro em Paris.

Além disso, o Brasil criou uma divisão com oito navios para atuar no Mediterrâneo. A esquadra, no entanto, enfrentou uma série de reveses no caminho. Os barcos estavam sucateados, o que exigiu demoradas paradas em ilhas do Atlântico e na África. A gripe espanhola praticamente dizimou os combatentes durante a travessia. A divisão naval alcançou Gibraltar em

10 de novembro de 1918, mas não chegou a atuar. A guerra acabaria no dia seguinte.

A 1ª Guerra foi resultado das tensões não declaradas que a Europa vivia desde o final do século 19. Os grandes países buscavam expandir as áreas de influência e, para isso, investiam em alianças diplomáticas e na aquisição de armamentos. Bastou que o arquiduque Francisco

Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, fosse assassinado, em 1914, para que o equilíbrio caísse por terra e a guerra explodisse.

— A guerra se deu há 100 anos, mas ainda é muito atual. Muitos dos conflitos de hoje começaram por causa dela. A Síria e o Iraque surgiram do esfacelamento do Império Turco-Otomano. A crise entre a Ucrânia e a Rússia tem origens ali, quando acaba o império russo e nasce a União Soviética. É na 1ª Guerra que os Estados Unidos passam a atuar de maneira mais intensa no cenário internacional — explica Joanival Gonçalves, consultor legislativo do Senado especializado em relações exteriores.

Apesar de ter pressionado a Alemanha por vários anos, o Brasil nunca teve notícia dos dois tripulantes do vapor Macau.